

VÍTOR HIRSCHBRUCH SCHVARTZ

O significado contemporâneo do ceticismo radical de
Sexto Empírico

Projeto de pesquisa de pós-doutorado
apresentado ao Departamento de Filosofia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo.

São Paulo
2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVOS	12
4 PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO	13
5 SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA FUNDAMENTAL	14

1 INTRODUÇÃO

A importância do ceticismo para a história da filosofia é reconhecidamente vasta, não obstante a existência de diferentes narrativas a esse respeito. Os trabalhos de Richard Popkin, em especial, mostraram a enorme influência das ideias pirrônicas no mundo filosófico europeu que deu origem à Filosofia Moderna. As primeiras traduções de Sexto Empírico para o latim, no início da Era Moderna, que se seguiram à redescoberta dos manuscritos da obra do filósofo, incentivaram a formação de fileiras de filósofos que, independentemente das diferentes maneiras através das quais conciliaram fé e razão, desenvolveram obras parcialmente ou plenamente céticas; passando por Montaigne e chegando a Descartes, a quem chama de *sceptique malgré lui*¹, Popkin descreve como a dúvida hiperbólica cartesiana teve um impacto para além da sua solução no interior da obra de Descartes.

O desafio de vencer o ceticismo, ou o que quer que cada filósofo tenha entendido por “ceticismo”, perpassou vários autores da modernidade, como nota Roberto Bolzani mencionando os exemplos de Locke, Kant, Berkeley e Hume, dentre outros (BOLZANI:1992, p. 6-8). Também na contemporaneidade, o assim chamado “desafio cético” está no centro de alguns dos mais importantes debates da epistemologia, acerca, por exemplo, da possibilidade do conhecimento (ou de possuímos “crenças verdadeiras justificadas”) ou do conhecimento do “mundo exterior”, dentre outras questões. Ele marcou a filosofia de Wittgenstein e tem sido também usado por muitos professores para a formação de seus alunos, como comprova o sucesso de décadas do livro de Barry Stroud, “*The Significance of Philosophical Scepticism*”, como manual de introdução à epistemologia em inúmeros cursos de graduação de filosofia nos países de língua inglesa.

Se é verdade, de um lado, que, desde a redescoberta da obra de Sexto Empírico até os dias de hoje, o que se tem debatido são argumentos, dúvidas, hipóteses e objeções céticas – e

¹Cf. POPKIN: 2000.

raramente o tão discutido “ceticismo” assume a forma de um sistema filosófico cético – é também verdade que as fontes antigas nos brindaram com apenas uma obra filosófica cética, privando-nos da leitura direta dos grandes filósofos que sabemos terem assumido as rédeas da Academia platônica nos séculos posteriores à morte de Platão. Esses filósofos, em especial Arcesilau, Carnéades, e Clitômaco, formularam uma base teórica sem a qual não teria sido possível a fundação do ceticismo pirrônico por Enesidemo, no primeiro século a.C., filósofo que romperia com a Academia tendo provavelmente dela sido membro, fundando assim o ceticismo pirrônico, a *sképsis*.

A filosofia da Nova Academia (nome que se atribuiu à Academia a partir da liderança de Arcesilau) seria chamada posteriormente de “ceticismo acadêmico”, de maneira anacrônica, já que apenas Enesidemo e seus seguidores teriam chamado a si mesmos de *skeptikoi*, isto é, céticos, palavra que significa literalmente “os que observam”, “os que examinam”. A origem etimológica da noção de “cético” nada tem a ver com “dúvida”, como modernamente se propagou. Esses filósofos, a partir de Enesidemo, também se intitularam “pirrônicos”, pois teriam visto na figura de Pirro, filósofo que acompanhou Alexandre até a Índia, um precursor do ceticismo. Já Sexto Empírico, médico e filósofo antigo, teria vivido na segunda metade do séc. II d.C, em Roma, Alexandria ou Atenas, e foi um importante filósofo cético. Sua obra representa hoje nossa principal fonte para o estudo do ceticismo pirrônico.

Não foi apenas na gênese e no desenvolvimento da filosofia moderna e, por sua vez, na definição de vários problemas epistemológicos contemporâneos, que questões ligadas ao ceticismo tiveram impacto marcante na reflexão filosófica internacional. Mais recentemente, quando do debate exegetico acerca do ceticismo grego protagonizado por alguns dos maiores helenistas das últimas décadas, como Michael Frede, Myles Burnyeat e Jonathan Barnes, a comunidade filosófica testemunhou uma discussão interpretativa acerca da obra de Sexto Empírico que enveredou por caminhos filosóficos e se configurou como um bom exemplo de

discussão em história da filosofia na qual fica quase impossível demarcar a fronteira entre historiografia e reflexão filosófica. Questões como a do “insulamento”, introduzida por Myles Burnyeat, que apontou o divórcio entre filosofia e vida, marcante na maneira contemporânea de se fazer filosofia, fizeram, da interpretação das fontes gregas, quase um pretexto para juízos mais amplos acerca de toda a história da filosofia, bem como para a introdução de novos problemas filosóficos.

Se é verdade, seja pelo advento da Ciência Moderna, seja pelas várias correntes antimetafísicas que marcaram tanto a filosofia dominante no Continente Europeu quanto aquela do mundo anglo-saxão, que o intelectual contemporâneo tende, de alguma forma, a algum ceticismo², por outro lado parece ser possível abstrair, daquele debate exegético e filosófico sobre o ceticismo antigo, que, quando deparado com uma filosofia cética acabada e de alguma forma sistemática, o filósofo contemporâneo se depara também com a possibilidade da adesão ao ceticismo. Isso se reflete no hábito, comum a vários especialistas no tema, de objetar contra ou argumentar a favor do ceticismo pirrônico, que culmina em um crescente número de reconstruções eruditas e criativas do pirronismo. O debate contemporâneo nos brinda com uma enorme formulação e reformulação de objeções, agora não mais contra argumentos céticos ou contra caricaturas do ceticismo, como no caso dos filósofos modernos, mas contra uma posição filosófica grega reconstruída e, por vezes, atualizada. E a cidadania filosófica do ceticismo, há muitos séculos obscura, dentre outros motivos, também pela escassez de filósofos sistematicamente céticos, vem sendo resgatada tanto pelos estudos de Sexto Empírico quanto pela obra de filósofos contemporâneos como Michael Williams, Oswaldo Porchat e Robert Fogelin, dentre outros.

Dessa forma, o estudo da obra de Sexto Empírico como a maior obra cética da Antiguidade – maior não apenas por ser a única recuperada, mas também por sua força e por

² Cf. PORCHAT: 2006, p. 270

seu alcance filosófico, dos quais é prova seu enorme impacto moderno e contemporâneo – suscita questões filosóficas para além da mera análise histórica.

Encontramos, em Sexto, uma filosofia cética plenamente articulada, defensável e cujo estudo pode se mostrar proveitoso para o debate filosófico contemporâneo. A obra de Oswaldo Porchat (PORCHAT: 2006) é um exemplo de atualização da reflexão pirrônica a partir de uma certa interpretação da obra de Sexto Empírico.

O objetivo da pesquisa vislumbrada neste projeto é o de refletir sobre a proposta filosófica de Sexto Empírico a partir de uma interpretação alternativa de sua obra, já por mim parcialmente formulada (SCHVARTZ: 2010, 2014), a partir dela produzindo artigos a serem publicados em periódicos especializados, versando sobre a relação entre a filosofia cética e a metafísica, epistemologia e filosofia da linguagem contemporâneas.

2 JUSTIFICATIVA

Dois estudiosos contemporâneos do pirronismo, R. J. Fogelin e Oswaldo Porchat, chamaram a si mesmos de “neopirrônicos” e subscreveram a interpretação que Michael Frede (FREDE: 1979) deu ao pirronismo.

No caso de Fogelin, a adesão à interpretação frediana da obra de Sexto é totalmente explícita e Fogelin diz que ela inspirou sua filosofia. Em seu artigo “*The Sceptics Are Coming! The Sceptics Are Coming!*” (Fogelin: 2004, p. 163-4), Fogelin afirma que é justamente por adotar a interpretação frediana do pirronismo que sua filosofia não enfrenta as famosas objeções de incoerência e *apraxia*. Ele diz:

Uma vez que, seguindo Michael Frede, eu adoto a interpretação urbana do texto, essa escolha não se dá. Logo, quando eu falo em pirronismo, eu estou falando do pirronismo urbanamente entendido. Quando eu falo em neopirronismo, eu tenho em mente o pirronismo clássico, urbanamente entendido, atualizado onde necessário, para torná-lo adequado aos debates filosóficos contemporâneos. (FOGELIN: 2008, p. 163-4)

(Since, following Michael Frede, I adopt the urbane interpretation of the text, this choice does not come up. So when I speak of Pyrrhonism, I mean Pyrrhonism urbanely understood. When I speak of neo-Pyrrhonism, I have in mind classical Pyrrhonism urbanely understood, updated, where necessary, to make it applicable to contemporary philosophical debates.)

Sobre o artigo de Frede que talvez tenha introduzido uma das interpretações mais permissivas da obra de Sexto Empírico para com uma noção de “crença cética”, afirmando que o cético poderia ter crenças sobre como as coisas são (FREDE: 1987, p. 198), Porchat afirmou:

Uma contribuição decisiva para o estudo da dimensão empirista do ceticismo pirrônico foi dada por Michael Frede. Seu artigo “Des Skeptikers Meinungen” (título posteriormente traduzido por “The Sceptic’s Beliefs”) de 1979 criticou a interpretação tradicional do ceticismo, segundo a qual não haveria nenhuma doutrina especificamente cética, o cético não teria nenhum tipo de crenças e recusaria assentimento a qualquer proposição (cf. Frede, 1987, p. 179). O autor defende no texto a posição contrária: o cético poderia ter crenças, mas suas crenças não seriam dogmáticas (...) o que distinguiria o cético do não-cético não seriam as crenças, mas sua atitude com relação a elas. (PORCHAT: 2006, p. 291)

O desacordo entre os intérpretes da obra de Sexto está centrado acerca do que considerar dogma e, portanto, sujeito ao questionamento cético e ao que considerar fenômeno e imune à *epokhé* cética. Em última análise queremos saber o quão diferente é a alegada “vida sem crenças” do cético daquela das demais pessoas. Embora saibamos que o ceticismo antigo nada tem a ver com a caricatura moderna do cético como aquele que duvida de tudo (embora esse lugar comum deva ter suas influências na dificuldade contemporânea de interpretação do pirronismo), queremos saber se um filósofo cético antigo teria objeções às nossas crenças mais banais. Queremos saber se alguém que segue a postura cética de Sexto Empírico recusaria aquelas nossas afirmações do dia a dia que, tais quais, expressam as mais variadas crenças. Acredito que a questão sobre o escopo do questionamento filosófico cético possa ser abordada desse ponto de vista relativamente simples: o discurso das pessoas comuns, suas afirmações cotidianas, são alvo da *epokhé* pirrônica, ou ela se restringe a “dogmas” teóricos, filosóficos, morais e de maneira geral crenças mais “complexas”?

Creio, assim, que o posicionamento sextiano acerca do discurso das pessoas comuns no seu dia a dia e acerca do discurso cético é de grande importância para a compreensão da filosofia pirrônica. Defendo uma interpretação radicalmente oposta àquela defendida por Frede, Porchat e Fogelin, com base na exegese de textos de Sexto e em argumentos mais gerais acerca do ceticismo como filosofia.

Por exemplo, passagens das *Hipotiposes* incluem explicitamente as opiniões das pessoas comuns nas controvérsias sobre as quais o cético suspenderá o juízo. Ao apresentar o primeiro dos cinco modos que levam à *epokhé*, o da controvérsia (*diaphonia*), em HP I, 165, Sexto afirma:

E o (modo) a partir da controvérsia é aquele segundo o qual, com relação ao assunto proposto, descobrimos uma divergência indecível que tem lugar tanto entre as pessoas comuns quanto entre os filósofos, devido à qual, não podendo escolher ou rejeitar alguma coisa, terminamos em suspensão de juízo.

(καὶ ὁ μὲν ἀπὸ τῆς διαφωνίας ἐστὶ καθ' ὃν περὶ τοῦ προτεθέντος πράγματος ἀνεπίκριτον στάσιν παρά τε τῶ βίῳ καὶ παρά τοῖς φιλοσόφοις εὐρίσκομεν γεγενημένην, δι' ἣν οὐ δυνάμενοι αἰρεῖσθαι τι ἢ ἀποδοκιμάζειν καταλήγομεν εἰς ἐποχήν.)

Interpretes alinhados com a interpretação de Frede dirão que o fato de essa “controvérsia indecível” incluir afirmações das pessoas comuns não ameaça sua interpretação, pois Sexto poderia estar referindo-se às questões morais e religiosas, nas quais frequentemente as pessoas comuns são dogmáticas (e ninguém disso discorda). Mesmo assim, não vejo como possa ser tão fácil, para essa interpretação, explicar por que o filósofo inclui as pessoas comuns na *diaphonia*, bem no momento em que está explicando o primeiro dos cinco modos que englobam todos os assuntos sujeitos à investigação: “Mostraremos que tudo que é investigado se pode referir a esses modos (...)” (HP I, 169). E, aliás, não são apenas os assuntos morais ou religiosos os objetos da investigação filosófica.

Cabe citar também o texto de AM VIII, 362, no qual Sexto menciona um desacordo geral acerca das coisas que aparecem entre filósofos e homens comuns:

Mas nós argumentamos anteriormente que as coisas que aparecem, sejam elas sensíveis ou inteligíveis, são objeto de grande conflito tanto entre filósofos como entre pessoas comuns. (AM VIII, 362)

(ἡμεῖς δὲ ὅτι (μὲν) τὰ φαινόμενα, εἴτε αἰσθητὰ εἴη εἴτε νοητά, πλείστης γέμει μάχης τῆς τε παρὰ φιλοσόφοις καὶ τῆς παρὰ τῷ βίῳ, πρότερον ἐπελογισάμεθα)

Já o texto de HP III, 65, que citarei a seguir, com certeza não se refere a assuntos morais ou religiosos. Nele, Sexto Empírico descreve as posições conflitantes, sobre as quais suspenderá o juízo em seguida, acerca da existência ou da inexistência do movimento, de sua realidade ou irrealidade. E a primeira dessas posições em atrito, Sexto a atribui tanto a alguns filósofos quanto aos homens comuns:

Três foram, penso, as principais posições sobre o movimento. Pois as pessoas comuns (*hobios*) e alguns dos filósofos assumem que existe (*eînai*) o movimento, enquanto Parmênides e Melisso e alguns outros, que não existe. Mas os céticos disseram que o movimento não mais existe do que não existe. (HP III, 65)

(τρῆς δέ, οἶμαι, γέγονασιν αἱ ἀνωτάτω περὶ κινήσεως στάσεις. ὁ μὲν γὰρ βίος καὶ τινες τῶν φιλοσόφων εἶναι κίνησιν ὑπολαμβάνουσιν, μὴ εἶναι δὲ Παρμενίδης τε καὶ Μελίσσος καὶ ἄλλοι τινές, μὴ μᾶλλον δὲ εἶναι ἢ μὴ εἶναι ἔφασαν οἱ σκεπτικοί.)

Na vida comum, assume-se que o movimento existe, que é real, mas esse modo de pensar obviamente não leva em conta argumentos filosóficos contra a existência do movimento. Se esse modo de pensar é considerado como sendo dogmático, por parte do cético, então temos aí um bom exemplo de uma crença comum sobre a qual o cético suspende o juízo. Sexto continua:

Nós, porém, não sendo capazes de rejeitar nem esses discursos (*isto é: contra a existência do movimento*) nem o fenômeno, conformando-se ao qual introduzem a hipóstase do movimento, suspendemos o juízo sobre se existe o movimento, ou não existe... (HP III, 81)

(ἡμεῖς δὲ μήτε τοὺς λόγους τούτους μήτε τὸ φαινόμενον, ᾧ κατακολουθοῦντες εἰσάγουσι τὴν ὑπόστασιν τῆς κινήσεως, δυνάμενοι διατρέπειν, ὅσον ἐπὶ τῇ ἀντιθέσει τῶν τε φαινομένων καὶ τῶν λόγων, ἐπέχομεν περὶ τοῦ πότερον ἔστι κίνησις ἢ οὐκ ἔστιν.)

Introduzir a hipóstase do movimento significa, nesse contexto, substancializá-lo, dizê-lo existente e real - e o contexto todo, aí se incluindo as passagens que antecedem o texto, mostra que Sexto está atribuindo a filósofos (realistas) e às pessoas comuns essa postura dogmática, que o cético obviamente questiona. O uso de um termo ontológico como “hipóstase”, aqui entendida como “realidade”, indica, a meu ver, uma caracterização bastante incisiva dessa opinião. Semelhante argumentação é encontrada nos argumentos de Sexto, por exemplo, sobre o lugar e o tempo, tanto nas *Hipótiposes* como em *Adversus Mathematicos* : também aí, a suspensão de juízo incide tanto sobre as teses filosóficas quanto sobre o que dizem as pessoas comuns. Ora, esses textos todos, nos quais Sexto afirma que o cético suspende o juízo, não somente sobre teses filosóficas, mas também sobre as posições das pessoas comuns, parecem-me representar um obstáculo incontornável para a interpretação de Frede, Porchat e Fogelin. Por outro lado, as passagens anteriormente mencionadas podem ser explicadas de maneira convincente se levamos a sério a alegação cética de viver uma vida sem crenças, uma vez que ela estende a crítica cética também ao que dizem as pessoas comuns, um radicalismo plenamente conciliável com a ideia de uma suspensão cética do juízo sobre a totalidade do discurso assertivo das pessoas.

Se o cético alega rejeitar todo dogmatismo e ao mesmo tempo entende como dogmático o discurso das pessoas comuns, Sexto está obviamente rejeitando as crenças dessas pessoas, cotidianamente expressas em seus discursos. Está claramente dissociando o discurso dos céticos do discurso das pessoas comuns.

Fogelin e Porchat, que defendem posições filosóficas neopirrônicas, poderiam alegar que suas filosofias não dependem de uma interpretação correta da filosofia cética, sendo por

ela apenas inspirada, em nada ameaçando a coerência e a força da proposta neopirrônica sua mera imprecisão histórica.³ Mas cabe perguntar também se o velho pirronismo interpretado literalmente, isto é, como o combate a toda e qualquer crença, não poderia ser, também ele, fonte de inspiração das reflexões filosóficas contemporâneas, oferecendo assim uma proposta filosófica de maior afinidade com a tendência contemporânea da valorização das escolas da antiguidade justamente por não terem elas separado suas filosofias, de uma forma ou de outra, da vida comum.

Fala-se da caricatura que foi imposta ao ceticismo durante séculos, por filósofos antigos e modernos. Mas a caricatura da metafísica como um discurso muito diferente de seu uso corrente, mesmo em certas interpretações da obra de Sexto Empírico, não me parece menor. A maneira de se conceber o cético sextiano e um possível neopirrônico que, diferentemente de Fogelin e Porchat, advogue uma vida sem crenças, seria imaginar alguém bem mais impactado por reflexões chamadas “metafísicas”, alguém não tão descrente no poder do *lógos* em encontrar verdades quanto o pirrônico urbano.⁴ Em sua prática antitética de opor fenômenos e opiniões, o pirrônico rústico de fato suspende o juízo sobre a proposição “o rosto da Gioconda é branco” tanto quanto sobre qualquer outra proposição dogmática, por não reconhecer qualquer privilégio dos sentidos sobre os dogmas filosóficos ou vice-versa. Não haveria, para ele, qualquer privilégio, por exemplo, da proposição “a neve é branca” sobre a proposição “a neve é preta”, por mais que a neve lhe apareça branca naquele momento.

Convido o leitor a uma comparação hipotética: um filósofo eleata que, convencido por Parmênides, “sabe” que todas aquelas afirmações sobre objetos externos que fazemos no dia a dia são falsas, não pareceria enfrentar, em geral, as acusações de incoerência com as quais o

³Cf. a passagem de Fogelin citada anteriormente e o prefácio do livro de Porchat (PORCHAT: 2006).

⁴A ontologia aristotélica e os trabalhos de Porchat sobre Aristóteles serão objeto de exame, no intuito de dar subsídio à hipótese aqui levantada.

cético tem de lidar. Tal filósofo eleata hipotético⁵ vive uma vida que ele “sabe” ser no mundo da ilusão; ele acredita na falsidade de cada uma daquelas proposições que utiliza no seu dia a dia. Pergunto-me por que teria de haver mais resistência contra uma posição filosófica mais humilde, a de um pirrônico que levou a sério aquelas antigas reflexões filosóficas, realmente encontrando igual força de persuasão tanto no discurso eleata quanto no aristotélico, para dar um exemplo, e suspendeu o juízo sobre ambos, alegando seguir os fenômenos sem acreditar em nenhum deles. Nem tantos parecem ter problema com aquele que “sabe”, a cada segundo, que o mundo é totalmente diferente do modo como ele lhe aparece, quanto os que parecem ter problemas com o cético que sabe, a cada segundo, que o mundo *pode* ser totalmente diferente do modo como ele lhe aparece. Difícil explicar o desconforto que a postura cética tem causado em seus interlocutores na História da Filosofia. Talvez tenhamos de dar razão a Sexto, que ironicamente afirmou, em AM VII, 27, que “o homem é por natureza um amante da verdade”⁶.

3 OBJETIVOS

Partindo da postura cética aqui delineada, o objetivo da pesquisa é o de produzir um mínimo de quatro artigos. O primeiro deles, de título provisório “Neopirronismo rústico”, apresentará uma defesa da possibilidade de se atualizar o pirronismo grego antigo a partir de uma leitura radical do ceticismo de Sexto Empírico, diferentemente do que tem sido feito pelos neopirrônicos contemporâneos.

O segundo artigo, de título também provisório “Ceticismo e estruturalismo em história da filosofia” discorrerá sobre a contribuição do método estruturalista de Victor Goldschmidt para a disciplina da História da Filosofia e sobre a atualidade daquele método, partindo do

⁵Pouco importa, para os fins dessa consideração, a fidelidade histórica dessa personagem à filosofia de Parmênides.

⁶ Cf. também AM I, 41

exemplo de uma visão global sobre a ideia de um “percurso cético” em direção à *epokhé*, na obra de Sexto Empírico, um dos argumentos que já levantei em defesa de uma interpretação mais radical da filosofia pirrônica antiga (SCHVARTZ: 2010).

O terceiro artigo, de título também provisório “Sobre os fenômenos inteligíveis”, visará a um exame do conceito de *phainómenon*, caro ao ceticismo antigo, defendendo a tese de que é justamente a partir daquela classe de fenômenos que o cético pirrônico pode fazer escolhas em sua vida prática (inclusive morais) sem incorrer em qualquer dogmatismo e, portanto, sem *dóxa* (ou opinião). A crítica de Wittgenstein a Moore e ao ceticismo será analisada.

O quarto artigo, “Ceticismo pirrônico em filosofia da ciência”, abordará a questão de como a atualização do ceticismo de Sexto Empírico que proponho se posiciona acerca das diferentes filosofias da ciência, realistas, instrumentalistas etc.

Além dos quatro artigos previstos, poderão ser produzidos outros artigos, no intuito de dar conta da considerável amplitude dos temas propostos. Todos eles terão em comum a tentativa de atualizar o ceticismo antigo a partir de uma interpretação nova da obra de Sexto Empírico, que por sua vez será também mais desenvolvida ao longo de cada um deles.

4 PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE SUA EXECUÇÃO

Até janeiro de 2015: produção do primeiro artigo, intitulado “Neopirronismo rústico”

De fevereiro de 2015 até julho de 2015: produção do segundo artigo, intitulado “Ceticismo e estruturalismo em História da Filosofia”

De agosto de 2015 até novembro de 2015: produção do terceiro artigo, intitulado: “Sobre os fenômenos inteligíveis”

De novembro de 2015 até meados de 2016: produção do quarto artigo, intitulado “Ceticismo pirrônico em Filosofia da Ciência”, bem como de possíveis outros artigos.

A participação em colóquios e eventos de filosofia também será fundamental. Muitas das questões aqui propostas surgiram do diálogo que tive a oportunidade de travar com outros estudiosos do ceticismo, muitos dos quais aqui mencionados.

5 SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA FUNDAMENTAL

ARISTÓTELES. **Aristotle's Metaphysics** – texto revisado e com introdução e comentários de W. D. Ross. Oxford: Claredon Press, 1953.

ALBIERI, S. **Razão, Natureza e Neo-Pirronismo**. O Que nos Faz Pensar, Rio de Janeiro, v. 12, p. 85-89, 1995.

BARNES, J.; BURNYEAT, M. F.;SCHOFIELD, M. (Ed). **Doubt and Dogmatism**. Oxford: Oxford University Press, 1980.

BARNES, J. The Beliefs of a Pyrrhonist. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, Cambridge, v. 208 (New Series 28), p. 1-29,1982.

BARNES, J. **The toils of skepticism**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1990.

BARNES, J. Sextian Scepticism. In: SCOTT, D.**Maieusis: Essays in Ancient Philosophy in Honour of Myles Burnyeat**.Oxford: Oxford University Press, 2007.

BOLZANI FILHO, R. **O ceticismo pirrônico na obra de Sexto Empírico**. 1992. 137 f.Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo,1992.

BOLZANI FILHO, R. **Acadêmicos versus pirrônicos**. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

BRENNAN, T. Criterion and Appearance in Sextus Empiricus: The Scope of Sceptical Doubt, The Status of Sceptical Belief.**Bulletin of the Institute of Classical Studies**,London, vol. 39, n. 1, p. 151-169, 1994.

BRUNSCHWIG, J. Sextus Empiricus on the κριτήριον: The Sceptic as Conceptual Legatee.In:_____. **Papers in Hellenistic Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 224-243.

BURNYEAT, M. (Ed.) **The Skeptical Tradition**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1983.

- BURNYEAT, M. Can the skeptic live his skepticism?. In: _____. **The Skeptical Tradition**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1983. p. 117-148.
- BURNYEAT, M. The sceptic in his place and time. In: RORTY, R.; SCHNEEWIND, J. B.; SKINNER, Q. (Ed.). **Philosophy in History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- CORTI, L. **Scepticisme et langage**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2009.
- FARIA, P. A encenação. **Sképsis**, Guarulhos, n. 2, p. 99-130, 2007. Disponível em: http://www.revista-skepsis.com/pdf/99_02.pdf. Acesso em 20 jan 2009.
- FOGELIN, R. J. The Skeptics Are Coming! The Skeptics Are Coming! In: SINNOTT-ARMSTRONG, W. (Ed.). **Pyrrhonian Skepticism**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 161-173.
- FREDE, M. **Essays in Ancient Philosophy**. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1987.
- GOLDSCHMIDT, V. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: _____. **A religião de Platão**. São Paulo: Difel, 1970. p. 139-147.
- GOLDSCHMIDT, V. **Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie**. Manuscrito, Campinas, v. 5, n. 2, p. 117-143, 1982.
- GUÉROULT, M. **O problema da legitimidade da história da filosofia**. *Revista de História*, São Paulo, v. 19, n. 75, p. 189-211, 1968.
- HANKINSON, R. J. **The Sceptics**. London/New York: Routledge, 1998 (1995).
- HUME, D. **Enquiries concerning the Human Understanding and concerning the Principles of Moral**. Ed. by L. A. Selby-Bigge. 3rd edition. Oxford: Clarendon Press, 1975.
- MATES, B. **The Skeptic Way: Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1996.
- MARCONDES, D. Juízo, suspensão do juízo e filosofia cética. **Sképsis**, Guarulhos, n. 1, p. 69-82, 2007. Disponível em: http://www.revista-skepsis.com/pdf/69_01.pdf. Acesso em 20 jan 2009.
- MARCONDES, D. **Rústicos X Urbanos: O Problema do Insulamento e a Possibilidade de uma Filosofia Cética**. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, n. 24. p. 135-149, 2008.
- MOURA, C. A. R. **História stultitiae e história sapientiae**. Discurso. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 15, p. 68-88, 1988.
- MUÑOS, A. A. **O Aristóteles de Porchat: dogmatismo, ceticismo e história dos sistemas filosóficos**. In: O filósofo e sua história: Uma homenagem a Oswaldo Porchat. Campinas: UNICAMP, 2003
- O'KEEFE, T. The Cyrenaics vs. the Pyrrhonists on Knowledge of Appearances. In: MACHUCA, Diego (Ed.) **New essays on ancient Pyrrhonism**. Leiden/Boston: Brill, 2011. p. 27-40.

- PELLEGRIN, P. Sextus Empiricus. In: BETT, R. (Ed.) **The Cambridge Companion to Ancient Scepticism**. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 120-141.
- PERIN, C. **The Demands of Reason: an essay on Pyrrhonian scepticism**. New York: Oxford University Press, 2010.
- POPKIN, R. **História do ceticismo de Erasmo a Spinoza**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2000.
- PORCHAT PEREIRA, O. **Discurso aos estudantes de filosofia da USP sobre a pesquisa em filosofia**. *Dissenso*, São Paulo, n. 2, p. 131-140, 1999.
- PORCHAT PEREIRA, O. **Ciência e Dialética em Aristóteles**. São Paulo: EDUNESP, 2001
- PORCHAT PEREIRA, O. **Rumo ao Ceticismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- SCHVARTZ, V. H. *Epokhé e lógos* no pirronismo grego. In: SILVA FILHO, Waldomiro J.; SMITH, Plínio Junqueira (Org.). **As consequências do ceticismo**. São Paulo: Alameda Editorial, 2012. p. 75-94.
- SCHVARTZ, V. H. **O lógos cético de Sexto Empírico**. 2014. 148 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SEXTO EMPÍRICO. **Sextus Empiricus in four volumes**(v.1: Outlines of pyrrhonism; v. 2-4: Adversus Mathematicos VI-XI). Loeb Classical Library. Cambridge/Massachusetts/ London: Harvard University Press, 1976.
- SEXTO EMPÍRICO. **Outlines of Scepticism**. Translated by Julia Annas and Jonathan Barnes. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- SEXTO EMPÍRICO. **Against the Ethicists**(Adversus Mathematicos XI). Translation, Commentary and Introduction by Richard Bett. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- SMITH, P. J. Wittgenstein e o Pirronismo: sobre a natureza da filosofia. In: _____. **Ceticismo Filosófico**. São Paulo/Curitiba: EPU/Editora da UFPR, 2000.
- STERN, D. G. The availability of Wittgenstein's philosophy. In: SLUGA, Hans; STERN, David G. **The Cambridge Companion to Wittgenstein**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 442-476.
- STOUGH, C. Sextus Empiricus on non-assertion. **Phronesis**, Leiden, v. 29, p.137-64, 1984.
- STRIKER, G. Historical Reflections on Classical Pyrrhonism and Neo-Pyrrhonism. In: SINNOTT-ARMSTRONG, W. (Ed.). **Pyrrhonian Skepticism**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 13-24.
- STROUD, B. **The Significance of Philosophical Scepticism**. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- WITTGENSTEIN, L. **On Certainty**. Edited by G. E. M. Anscombe and G. H. Wright. Oxford: Blackwell, 1974.

WITTGENSTEIN, L. **Observações sobre a filosofia da psicologia**. São Paulo: Idéias e letras, 2008.

WONG, W. The problem of insulation. **Philosophy**, Cambridge, vol. 77, n. 301, p. 349-373, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3752210>. Acesso em 30 out 2013.

VOGT, K. Scepticism and action. In BETT, R. (Ed.) **The Cambridge Companion to Ancient Scepticism**. New York: Cambridge University Press, 2010.